

Presidente Jair Bolsonaro, entre a psicopatia e a incompetência

Mais de 100 mil mortes por Covid-19 e o mandatário do país segue sendo o principal obstáculo no combate à doença. Nos últimos meses, ele apenas comprovou seu desprezo pelo povo



Glauco Silva de Carvalho
11 de agosto de 2020

ALAN SANTOS / PR



Sem máscara, Bolsonaro cumprimenta apoiadores aglomerados em viagem ao Nordeste

A Sargento Magali foi uma profissional exemplar. Pessoa simples, humilde, batalhadora, nobre em valores e rígida em princípios, serviu no Centro de Aperfeiçoamento e Estudos Superiores, um órgão da Polícia Militar de São Paulo destinado à pós-graduação da Instituição, onde eu a conheci, lá pelos idos de 2009. Batalhadora, seguiu firme em seus estudos e chegou à graduação de sargento. Foi, então, transferida para o Centro de Operações da Polícia Militar, o Copom. Trata-se de uma unidade que, por suas características (receber telefonemas de emergência e despachar viaturas para o socorro da população), possui um efetivo superior a 500 policiais militares, que, divididos em turnos, permanecem por oito ou doze horas num mesmo e amplo recinto. É, provavelmente, a unidade em que mais policiais militares adquiriram a Covid-19. A Magali foi uma dessas profissionais. E foi, também, o primeiro policial militar da ativa a morrer em decorrência da doença.

Sua morte não ocorreu por acaso. No último final de semana, o país chegou à triste marca de 100 mil mortes de pessoas que perderam suas vidas por conta da “gripezinha”, a tal Covid-19.

O dito *bolsonarismo*, “ideologia” política que congrega o movimento político *conservador* — moralmente aceitável e politicamente representativo de uma parcela da sociedade —, com o histórico *autoritarismo* latino-americano — este imoral e repugnante —, deu sustentação a todas as falatrizes, estultícias e inconseqüências de Jair Messias Bolsonaro.

As desculpas do dito presidente sempre foram justificadas e legitimadas. Ele era o precursor da verdade absoluta, ainda que todas suas afirmações tenham sido, paulatinamente, desmentidas pelos fatos e pelos médicos. Mesmo assim, a cegueira da “ideologia” a todos entorpeceu. Não é a primeira vez, não será a última...

De início, ao dito *bolsonarismo* somou-se o *negacionismo*, outra “ideologia” a desconstruir e a negar uma das mais severas e graves doenças já transmitidas no mundo contemporâneo. Foi, nessa época, que nosso Presidente afirmou que a Covid-19 seria uma “gripezinha”, que não teria maiores conseqüências, e que a imprensa e parcela significativa dos médicos estavam redondamente equivocados. Todo o mundo talvez estivesse equivocado. E talvez ainda esteja. À época, Manaus registrava indicadores terríveis e mortalidade altíssima. Bolsonaristas, então, atestavam ser uma “armação” da imprensa contra o “nosso presidentão”. O tempo foi mostrando que não era apenas e tão-somente uma “gripezinha”.

Logo depois, acharam um culpado para tudo: os governadores. Atribuíram todas as mazelas e as responsabilidades pelo alastramento da doença, bem como a débil condução do processo de contenção da Covid-19, agora já não mais uma simples “gripezinha”, à inércia e à incompetência dos governadores. Ou seja, a cada superação de uma desculpa ou justificativa não verificada ou desmentida, um novo subterfúgio e uma nova narrativa. Desta feita, “nosso presidentão” não tem nenhuma responsabilidade pela difusão crescente da moléstia, mas sim os executivos estaduais, que não tomaram as providências necessárias.

Conforme a doença evoluía, também as desculpas e justificativas se aperfeiçoavam. Surgiu então a panaceia que curaria a tudo e a todos: a cloroquina. Além de presidente desgovernado e político medíocre, Bolsonaro assumiu o papel de curandeiro falastrão. Começou a apregoar, à semelhança de Donald Trump, um medicamento destinado à cura da malária como solução para a Covid-19. Como todo imbecil, na acepção lata da palavra, não tem a menor noção do que estava ou está falando. O tempo mostrou, lastreado por sólidas pesquisas acadêmicas, que os malefícios da cloroquina eram maiores e os benefícios, nulos. E não adiantava, à época, médicos e cientistas afirmarem que não havia a menor possibilidade de se afirmar, naquele momento, que essa medicação tivesse comprovação de eficácia. A ideologia, como toda crença ou credence, a toda verdade suplanta e a todos seguidores cega.

Mas não ficou por aí. Seus ministros tinham que ser fieis escudeiros e malucos tresloucados. Primeiro foi o ministro Mandetta, que se saiu muito bem como político, decorrência de sua carreira e vivência parlamentar, e como gestor público, por sua experiência médica. Atingiu seus objetivos e angariou a confiança da população. Os ciúmes do chefe e a convicção de que não se tratava de uma simples doença fizeram com que o mandatário supremo o incinerasse, fritasse e o demitisse em semanas. O novo ministro, Nelson Teich, não permaneceu mais do que um mês no cargo. Seu perfil técnico e sua postura ético-profissional o fizeram desgastar em curtíssimo espaço de tempo. Nessas circunstâncias, nenhum médico de renome quis aceitar o cargo, que foi parar na mão de um militar.

Por fim, Bolsonaro desdenhou do alcance e da periculosidade do novo coronavírus. Não usava máscaras, adorava uma aglomeração e, como um adolescente imberbe, quis desautorizar e desafiar autoridades, esquecendo-se que ele, em tese, é uma das principais do País. Não teve e não tem a noção de seu papel, de seu status, da importância do cargo que ocupa, da relevância de suas atitudes, e do papel que seu exemplo poderia desenvolver. Conheço pessoas simples que até hoje não usam máscara sob a alegação de que o presidente não as usa. Sua imaturidade e insensibilidade causam náuseas em qualquer um que presa a vida humana. Sua insensatez causa constrangimentos a qualquer um que preza a racionalidade. E seus modos pueris causam repugnância a todos que, de uma forma ou de outra, sensibilizam-se com a dor alheia.

Em realidade, ele não desdenha uma doença... ele despreza todo um povo. Não se condói com a dor alheia, pois sofre de piscopatia. E deixou ainda mais evidente que não sabe conduzir uma nação em tempos de desafios e de crises, sendo o portador de uma incompetência política e técnica incomensuráveis. Não tem princípios nem valores e chega a ser sórdido e moralmente desequilibrado.

Minha solidariedade às 100.000 mil famílias, que perderam seus entes queridos.

E os meus pêsames a 220 milhões de brasileiros pelo presidente que temos hoje.

Em tempo. Meus sentimentos às famílias dos policiais militares Sargento José Valdir de Oliveira Jr, Soldados Celso Ferreira Menezes Jr. e Víctor Rodrigues Pinto da Silva. Estando de serviço no dia 08 de agosto de 2020, numa viatura de Força Tática, na zona oeste de São Paulo, ao executarem uma abordagem de rotina, foram todos alvejados por tiros de infrator, portador de uma pistola 9 mm. Morreram no local. Tombaram no cumprimento do dever. O fato, gravíssimo por natureza, passou quase que despercebido por parte da imprensa. Em tempos de insensibilidade, poucos se sensibilizaram com tal gravidade. A seus familiares, e às esposas de dois deles, que estão grávidas, e cujos filhos não conhecerão seus pais, meu mais profundo respeito.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

[https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tknhb-s5myy-3pmpy-8fma6-ma4je-otq5y-byzo2-surfn-q8q8j](https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tknhb-s5myy-3pmpy-8fma6-ma4je-otq5y-byzo2-surfn-q8q8j)

